

Direcional Educador

Coluna: E agora, Professor?

Novembro – 2012.

EDUCAÇÃO DIGITAL

Parte V

De professor a educador-autor-mediador. (I)

Por Cassiano Zeferino de Carvalho Neto

Nesta etapa o olhar é dirigido ao educador. Como os cenários contemporâneos afetam o perfil profissional dos professores? O que diferencia um profissional em sua carreira e que implicações na atuação docente podem ter a construção de novos paradigmas educacionais e suas práticas?

Todas as profissões, no decorrer do tempo, experimentam renovação. Em alguns momentos o processo se acelera e as mudanças passam a ter mais alcance ou profundidade; em outros são ajustes de conduta, de visões ou de práticas sem que isso implique em alterações radicais de rota.

Para cada determinado período que se considere é possível identificar-se o paradigma preponderante que inspira, norteia e também de certo modo especifica expectativas de conduta que o profissional deve ter.

Existe um pressuposto básico para todas as profissões e afazeres humanos: o fator economia de tempo e energia. A cada momento um profissional, mesmo que minimamente engajado no que faz, deve estar atento para rever o modo como conduz seu trabalho e em que pontos algo deve e precisa ser melhorado. Estas melhorias envolvem fazer algo com a mesma finalidade de sempre, mas de um jeito diferente, ou mesmo, alterar objetivos de modo a ampliá-los tornando os processos mais produtivos.

Estas considerações se aplicam a todos os profissionais, independentemente do que façam, ou da área em que atuem. Encontrar modos de fazer o que tem de ser feito, com maior índice de qualidade, em menor tempo e gastando menos energia é o motor que move não só a própria economia do mundo, a História aí está para revelar isso, mas também que modela e atualiza as profissões no decorrer do tempo.

As mudanças que venham a ocorrer nos processos relativos a uma dada profissão estarão frequentemente associadas às inovações tecnológicas, técnicas e de mídias. Este potencial intrínseco para efetivação de mudanças que visam aprimoramentos propiciados pelo produto desses três vetores de intervenção (tecnologia x técnica x mídia) pode por vezes gerar contradições e até mesmo reações adversas, quando ameaça o emprego. No entanto, via-de-regra, acaba prevalecendo o princípio da economia que preconiza fazer mais, com maior qualidade e menor custo para o mercado.

Esta lógica, passível de inúmeras críticas e considerações sociológicas ao longo dos séculos, reflete ao menos o que se passa no íntimo da natureza. Uma simples reação química, em que dois elementos se reúnem para formar uma terceira substância, preconiza o princípio da economia e da estabilidade decorrente de um estado energético de potencial geralmente menor.

Ainda que não seja muito apropriado referir-se à ‘era do conhecimento’, porque para humanos todas as eras são eras do conhecimento sem o qual não se poderia sobreviver, alguns autores contemporâneos preconizam a economia e sociedade do conhecimento.

O termo “Sociedade do Conhecimento” busca descrever as tendências das sociedades emergentes do período pós-industrial, nos séculos 20 e 21. A característica marcante destas sociedades é que o conhecimento teórico e os serviços baseados no conhecimento (explícito-tácito) tornam-se os componentes principais para todas as atividades econômicas.

A primeira definição da Sociedade do Conhecimento foi apresentada por Peter Drucker e Daniel Bell no início dos anos 70. Mais rigorosamente estas definições se aproximavam da noção de Sociedade da Informação. A disseminação mundial de tecnologias de informação e de comunicação de base digital criou novas condições para a emergência de sociedades do conhecimento e a noção da Sociedade do Conhecimento não pode ser reduzida ao conceito da Sociedade da Informação.

Enquanto se pode dizer que a emergência da Sociedade do Conhecimento depende da Sociedade da Informação porque depende de sua infraestrutura, as sociedades do conhecimento abrangem as capacidades de produzir, processar e disseminar o conhecimento para o desenvolvimento.

A UNESCO considera que a Sociedade da Informação representa os tijolos para a construção do edifício de Sociedades do Conhecimento.

O alcance e profundidade que expressa este conceito de Sociedade do Conhecimento é de tal monta que inclui a dimensão de praticamente toda transformação social, cultural, econômica, política e institucional, e uma perspectiva mais pluralística e desenvolvimentista. Nesta perspectiva, o conhecimento em questão é importante não somente para o crescimento econômico, mas também para potencializar e desenvolver todos os setores da sociedade.

A Sociedade do Conhecimento pode ser compreendida como a sociedade onde o conhecimento é o principal recurso para a produção e o principal meio para criação de riqueza, prosperidade e bem estar para parcelas crescentes da sociedade. Por esta razão, o investimento em capital intangível, humano e social é reconhecido como o mais valioso recurso para criação de riqueza. Isto é determinado não pela força de trabalho em si, mas sim em nível científico pelo progresso tecnológico e pela capacidade de aprendizagem das sociedades.

É neste cenário da atualidade, que se encontra o professor, palavra que tem sua origem latina designando 'aquele que, publicamente, professa suas doutrinas'.

Professar doutrinas?

Nascido nos claustros das instituições religiosas da Idade Média, o Escolasticismo (do grego *schole*, lugar em que se aprende) representou um modelo de educação que varou os séculos e, até hoje, em pleno século XXI, de certo modo continua está presente. O termo foi aplicado a professores na escola palaciana de Carlos Magno (742 – 814) e também aos eruditos medievais que utilizavam a filosofia no estudo da religião e da teologia.

O Escolasticismo carrega uma pedagogia própria. Ainda que os conteúdos educacionais variassem significativamente no decorrer dos séculos, o estilo de comunicação professor-aluno preconizado por este modelo se perpetuou, mesmo em espaços físicos tão diferentes como um 'Auditório' (termo de origem latina, "audītōrius" - pertencente ao ouvir) do século XI, ou uma sala de aula, do século XXI. Apesar das diferenças dos espaços físicos, a forma de condução da aula segue um protocolo praticamente invariável.

Enquanto esta permanência se perpetua, o entorno da escola, o mundo, os modelos de sociedade, o perfil dos estudantes, as tecnologias de comunicação, e tantas outras coisas mudam.

Este cenário faz da escola, e mais precisamente da sala de aula, um lugar muito impermeável à inovação. É como se o mundo passasse “lá fora”, pelas janelas embaçadas das salas de aula, esquecendo-se, no entanto, que aqueles cidadãos e cidadãs que todos os dias adentram as centenas de milhares de salas de aulas do país, vêm justamente desse mundo externo.

O que esse cenário antagonico implica e em que resulta?

Os problemas são muitos e complexos, mas na raiz deles se encontra o sentimento de inadequação da escola, e de seus processos pedagógicos, com a clientela que vem de um mundo estranho à escola.

Ou será que a escola ficou estranha ao mundo?

Enquanto o mito da cultura escolar, no qual se acreditava que o conhecimento a ser ensinado somente se encontrava na escola, esta instituição foi se mantendo quase inabalável. Mas, atualmente, e cada vez mais, o acesso à informação e a aprendizagem social, informal, que vai permitindo a cada cidadão e cidadã se situar no mundo, ter acesso a informações e poder fazer suas próprias escolhas, colocou definitivamente a escola em cheque.

Será um xeque-mate?

Depende. Vai depender de como a escola se posicionará, daqui para frente. Não há mais tempo para postergar decisões vitais não só à sobrevivência da escola, mas quanto ao seu significado e percepção social do que representa.

(Continua no próximo número).

Referências

CARVALHO NETO, C.Z. **Educação Digital**. São Paulo: Laborciencia Editora, 2012.

_____. **Educação Digital**: paradigmas, tecnologias e complexmedia dedicada à gestão do conhecimento. Tese de doutoramento. Florianópolis: PPGEGC/UFSC, 2011. (Disponível em: <http://www.carvalhonetocz.com/publicacao-academica/>. Acesso em 02/06/2012).

Cassiano Zeferino de Carvalho Neto tem pós-doutorado realizado em educação digital pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) e doutorado em engenharia e gestão do conhecimento pela UFSC. É mestre em educação científica e tecnológica (UFSC) e especialista em qualidade na educação básica (INEAM/OEA/USA). Suas licenciaturas são em Física e Pedagogia (PUCSP). É fundador e atual presidente do Instituto Galileo Galilei para a Educação (IGGE) e fundador-diretor da Laborciencia Editora. www.carvalhonetocz.com
e-mail: carvalhonetocz@gmail.com